

Prefácio

O que se passa conosco

O homem do tempo preso fica/ã
gana que o limita.

("Homem versus homem", Manhã
Emersa, Marilda Vasconcelos de
Oliveira)

O que almejamos quando abrimos um livro de ensaio? Em primeiro lugar, claro, respostas, ainda que apenas iniciais, para questões que a obra propõe, que nos afligem ou, pelo menos, nos interessam. Algo que nos mova, que nos inquiete e nos traga novidades sobre o que palpita dentro de nós ou ao nosso redor. Ou seja, queremos encontrar no texto uma acurada reflexão acerca da essência humana, dos labirintos que o homem constrói para ele mesmo e os outros, no dia a dia e na caminhada em busca de bem-estar, de alguma paz, sobretudo espiritual, e não de um conforto que nos faça indiferentes às mazelas da existência humana. Em poucas palavras, desde Montaigne o ensaio conjuga experiência e ação. Ele existe para es-

timular inteligências saudáveis e para sacudir índoles apáticas. Ainda que eventualmente trate de um caso pessoal do autor, o ensaio é um texto que nos faz pensar sobre como vivemos e que nos leva a agir para efetivar mudanças, a buscar algum equilíbrio, já que a sonhada harmonia parece impossível.

Neste seu novo livro, *Homem x mulher: pressão e desequilíbrio social*, a socióloga, antropóloga, cientista social e escritora várias vezes premiada Marilda Vasconcelos de Oliveira faz uma profunda reflexão sobre o desconcerto do mundo. Apesar de sua sólida formação intelectual, a autora não usa a linguagem acadêmica, que seria acessível a poucos, no arguto e destemido mergulho em temas, inquietações, problemas cotidianos, permanentes ou novos. Ela reflete sobre variados problemas e aponta caminhos sempre de maneira sóbria, serena, em texto bonito, fluente feito um rio calmo; um texto harmonioso, em diversos momentos pode-se dizer leve, como somente consegue escrever alguém com sensibilidade poética e longa experiência na docência e no embate com os desafios humanos. Como o título da obra já anuncia, o ponto de partida e a questão central da ensaísta são a relação de casais na complexa sociedade em que vivemos.

Marilda, que escreve com paciência e boa vontade, faz com o texto, seja poema, romance ou ensaio, um exercício de doação, de solidariedade, no qual resplandece ~~o~~ cristalina a máxima cristã de amar o próximo como a si mesmo. Ela levanta questões delicadas com delicadeza, mas sem abandonar o vigor da argumentação didática, sustentada por conhecimento teórico e beleza poética. O que a autora deste livro propõe é o mesmo convite do poeta grego Píndaro (438 a. C.): “vem a ser ^{que} tu és, aprendendo”. Marilda não guarda para si o que sabe. Ela divide com o próximo o que aprendeu – e, nesse ato, reside um de seus méritos como educadora e pensadora. Quem ensina, na sala de aula ou nos livros, doa vida e pratica a fraternidade.

Não sou filósofo nem conhecedor de Martin Heidegger (1889-1976), mas com frequência tenho diante dos olhos um luminoso livro de ensaios – de literatura, filosofia, educação etc. Foi em um deles (*Universidade, cultura, saber e formação*, org. de Ildeu Moreira Coêlho e Rita Márcia Magalhães Furtado, 2ª ed., Campinas: Mercado de Letras, 2016) que colhi a exortação de Píndaro. Ela está no texto “Técnica, pensamento, Paideia – uma meditação cariológica”, do professor Marcos Aurélio Fernandes, que trata do “caráter noturno de nosso tempo”. Nele encontrei, ainda, a citação de outra bela

frase, em que Heidegger lembra estes versos de Friedrich Hölderlin (1770-1843): “onde, porém, mora o perigo, cresce/ também o que salva”. Fernandes acrescenta: “No *perigo* extremo os mortais podem escutar o apelo para uma transformação, para uma *virada*, em que eles podem encontrar a chance de se tornar o que, essencialmente, são”. E arremata: “No paroxismo do perigo, emerge também o apelo de uma transformação. Em vez de transformação, talvez seja melhor dizer alteração. Mas há que de entender alteração no sentido radical, de tornar-se outro, *alter*”.

Pois é bem isso que Marilda Vasconcelos de Oliveira faz em sua obra e, especialmente, neste livro. O conflito e a solução residem no núcleo do ensaio, a relação de casal, “as constantes e variantes do comportamento programado para os dois sexos e a força cultural criada para comandá-lo”.

Nesse contexto, ela medita sobre o histórico papel do homem, o macho, como dominador, guerreiro, destruidor, sempre de olho no poder. Já à mulher, “coube gerar o ser humano e manter os cuidados básicos para conservá-lo”. Depois de lembrar que homens e mulheres sofrem, desde o passado remoto, “uma avalanche de conceitos, preconceitos e configurações ma-

chistas”, afirma que “as teorias misóginas” hoje se espalham pelo mundo. “Essa realidade deve ter explicações, e aqui tentaremos abordá-las.” Sua proposta é de colaboração, de aceitação das diferenças que completam o casal. Para ela, é necessário que cada um, homem e mulher, se descubra sujeito de sua história, “o que não impede, mas, ao contrário, aumenta a capacidade, tanto do homem quanto da mulher, de complementar o sexo oposto”.

Realizada, Marilda é exemplo da conquista de autonomia pela mulher e de sua capacidade de reflexão crítica, fruto, em boa parte, de uma longa e feliz união com um homem inteligente, sensível, culto, paciente, solidário, um amigo fraterno sempre presente em minha memória e de tantos que o conheceram: Lauro de Oliveira (1925-2017). Uma história bonita e, a cada dia, mais incomum.

No talento argumentativo de Marilda, convivem os conhecimentos de antropóloga, socióloga e cientista social, todos de mãos dadas com a poesia. A ensaísta ajuda o leitor a compreender “os agravantes de um relacionamento tortuoso entre homem e mulher, que poderia, ao contrário, ser a mais prazerosa relação sobre a face da Terra”.

A educadora lembra que “bebemos e respiramos a cultura sem a menor consciência de que ela é uma realidade construída e pode ser transformada por nós”. Observa, no entanto, ser necessário que “cada indivíduo ou grupo que se proponha a mudar ou renovar traços integrados nesse complexo, deverá ter presente a tessitura que envolve e articula toda a sociedade visada e o cuidado para não ferir os grandes valores que amparam a humanidade”. Eis a voz sensata de quem crê: “Mesmo aqueles que não admitem a imortalidade espiritual do ser humano sabem de uma força que o anima a criar, tanto quanto o revigora até a morte”.

Atenta à ebulição da vida moderna, a ensaísta não se esquece da importância de “se levar em consideração e respeito os casos dos indivíduos que nascem com os dois sexos ou tendências do sexo oposto”. A autora toca, então, noutro ponto que merece exame: “a constante tentativa de expurgar a porção masculina da mulher e o lado feminino do homem”.

A seguir, aborda uma questão incluída no título do livro e ainda outra, o que já dizia Píndaro antes de Cristo: “Essa contínua pressão contribuiu, ao longo da História, para dificultar a descoberta da verdadeira inclinação pessoal ou

do modo de ser mais capaz como agente social e favorecer, com maior precisão, o desenvolvimento espontâneo de sua personalidade”.

Questões extremas não escapam da análise de Marilda Vasconcelos de Oliveira neste livro. Por exemplo, o que causa o grande número de divórcios? Outra: a educação dos filhos, cada vez mais difícil, apesar do avanço científico-tecnológico. Volto aqui ao ensaio de Marcos Aurélio Fernandes, que indaga “se é possível e – caso sim – como é possível ao homem conquistar um relacionamento livre com a técnica moderna, já que ela é condição necessária da sua existência?”. Ele recorre a Heidegger para responder: “Sem dúvida que não poderemos saltar para fora do mundo técnico. Ele constitui uma condição necessária da e para a existência moderna. Mas não uma condição suficiente”. O professor Fernandes pergunta e responde: “Por que não? Porque ela não atinge o horizonte a partir do qual a existência do homem pode vir a ser libertada, a saber, o horizonte da verdade, quer dizer, do mistério do Ser”.

Nessa linha, Marilda ressalta que, mesmo com todo o avanço tecnológico, a educação dos filhos torna-se cada vez mais difícil e as famílias estão desestruturadas. Para a educadora, a solução exige união e equilíbrio do casal. Ela cita dados do Brasil e dos Estados Unidos, que

devem valer para outros países: a principal causa de suicídios entre jovens é a separação dos pais.

A ensaísta traz à tona outros problemas contemporâneos, como o culto à beleza do corpo e o papel da publicidade, que prega “um consumismo estressante”. Qual a diferença entre a busca do corpo belo na Grécia Antiga e a proposta pela publicidade hoje? Marilda medita sobre isso, e sua conclusão será inquietante para as pessoas que querem pensar.

No seu entender, “resta-nos, apenas, ficar alerta para o que realmente somos e desejamos”, o que é a mesma lição de Píndaro: “vem a ser o tu és, aprendendo”. Portanto, o que emerge de *Homem x mulher: pressão e desequilíbrio social* é uma valiosa contribuição para a vida de todos nós, de casais, pais, filhos e da sociedade.

Ninguém está excluído do que Marilda Vasconcelos de Oliveira trata neste ensaio, sobretudo as mulheres, cada vez mais presentes em postos de responsabilidade da Igreja Católica, como ressalta no capítulo “Religiões e reflexos patriarcais”. De uma maneira ou outra, estamos todos presentes no universo da obra. “Lentamente degustamos sabores/ no banquete aos dois oferecido”, versos do seu poema “Privilégio

gio”, do mesmo livro da epígrafe deste prefácio, expressam com perfeição o que nós, leitores, encontramos aqui. Marilda escreve sobre o que se passa conosco, como o leitor poderá confirmar a seguir. Aproveite a sabedoria da autora. Contudo, antes de virar a página, lembre-se de que “Sim,/ somos filhos da esperança,/ cercados de transcendência” (fecho de outro poema de *Manhã Emersa*, “Filhos do homem”).

Hugo Almeida¹

São Paulo, setembro de 2020

¹ Escritor mineiro, estudioso da obra de Osman Lins. Doutor em Literatura Brasileira pela USP.